

PERFIL DE DROMOAPTIDÃO CIBERCULTURAL DE ESTUDANTES DE CURSOS DE LICENCIATURA A DISTÂNCIA E A APRENDIZAGEM MEDIADA POR TECNOLOGIAS

Elaine dos Reis Soeira ¹

RESUMO

Este artigo apresenta reflexões sobre a relação entre o perfil de dromoaptidão cibercultural de estudantes de cursos de licenciatura, ofertados a distância, e a aprendizagem apoiada pela mediação tecnológica. O estudo trouxe como embasamento os conceitos propostos por Eugênio Trivinho (2007, 2009), especificamente: dromocracia cibercultural, dromoaptidão e dromoinaptidão. Tais conceitos formam problematizados e contextualizados no âmbito da educação a distância e das demandas de aprendizagem próprias dessa modalidade de ensino, sendo proposto um modelo alternativo com estágios (níveis) de dromoaptidão, considerando os estudos de Dreyfus e Dreyfus (1980). Metodologicamente tratou-se de um estudo de caso qualitativo, fundamentado na Teoria das Representações Sociais, tendo como instrumento de pesquisa um questionário *online*, direcionados a estudantes de uma instituição pública de ensino superior, que cursam as licenciaturas em Ciências Biológicas e Letras/Português. Os resultados apontam que os estudantes, embora apresentem habilidades ciberculturais e algum capital cognitivo conforme, este ainda está incipiente. Isso se caracteriza pelo pouco acesso às tecnologias mais atualizadas, pela qualidade do uso rede (internet) e pelas dificuldades relacionadas às habilidades ciberculturais de forma mais plena. Como demanda para pesquisas futuras, vislumbra-se a possibilidade de aprofundar a pesquisa com outro público e em outros contextos institucionais, sejam educacionais ou não.

Palavras-chave: Aprendizagem, Dromoaptidão cibercultural, Educação a Distância, Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação.

INTRODUÇÃO

As reflexões apresentadas nesse artigo são um desdobramento de uma pesquisa de doutorado, defendida em 2020, que investigou as relações entre a dromoaptidão cibercultural e a docência na Educação a Distância (EaD). Para o presente momento, a análise recairá sobre a relação entre o perfil de dromoaptidão cibercultural dos estudantes de cursos de licenciatura, ofertados à distância, e a aprendizagem mediada pelas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC).

O interesse de investigar a relação entre o perfil de dromoaptidão e a aprendizagem mediada pelas TDIC, é oriunda das especificidades desse processo no âmbito da EaD, uma vez que requer do sujeito aprendente não apenas disponibilidade de tempo e acesso aos dispositivos tecnológicos para desenvolver seus estudos, mas também pressupõe o domínio de habilidades

¹ Professora do Instituto Federal Baiano, Campus Santa Inês, elaine.soeira@ifbaiano.edu.br.

cognitivas ligadas à autonomia, à construção compartilhada e colaborativa, além do domínio tecnológico, de modo que possam superar a condição de reprodutores e consumidores de conhecimentos para se tornarem autores de novos saberes.

Diante desse contexto, foi trazido ao centro do debate o construto teórico dromocracia cibercultural, cunhado por Eugênio Trivinho, propondo-se a definição de níveis de dromoaptidão, considerando o grau de apropriação, consumo e uso das TDIC, caracterizar melhor a situação dos estudantes que participaram da pesquisa e favorecer o estabelecimento de relações entre as condições individuais e as implicações para o processo de aprendizagem.

Metodologicamente a pesquisa insere-se no âmbito das investigações sobre a formação docente e os processos de aprendizagem na EaD. Tratou-se de um estudo de caso (YIN, 2005), de natureza qualitativa e exploratória, orientando pelo arcabouço teórico-metodológico das Representações Sociais (RS), conforme o paradigma tridimensional (DOISE, 2001, 2002).

O artigo encontra-se organizado em 4 seções. A primeira apresenta os aspectos de natureza metodológica, descrevendo os procedimentos realizados e caracterizando os participantes da pesquisa e o campo empírico. Na segunda seção estão apresentados os aspectos teóricos relativos à dromoaptidão cibercultural, à EaD e à personalização do ensino. Em seguida, a terceira seção apresenta os resultados e a discussão à luz do referencial teórico. Por fim, a última seção traz algumas considerações acerca do recorte da pesquisa apresentado e sinaliza lacunas que se pretende aprofundar em outras oportunidades investigativas.

METODOLOGIA

A escolha de conduzir uma pesquisa qualitativa foi determinada pela natureza do objeto de estudo, cuja essência é prioritariamente representacional. Devido a essa característica, objeto é suscetível a interpretações múltiplas que não ser evidenciadas numa abordagem quantitativa.

A opção pela abordagem qualitativa encontra apoio nas palavras de Minayo (2010), ao defender tal caminho como o mais propício para explorar questões relacionadas à história, às relações interpessoais, às representações culturais, às opiniões e às percepções, uma vez que esses elementos são produtos das interpretações construídas pelos seres humanos sobre como vivem, sobre aspectos sociais e culturais e como sentem e pensam. Toda pesquisa qualitativa concentra-se no universo dos significados, motivações, aspirações, opiniões, valores e atitudes, ou seja, algo além da possibilidade de quantificação sem que se percam os traços de subjetividade inerentes a eles.

É relevante ressaltar que o método qualitativo permite uma análise aprofundada de processos sociais que ainda não foram explorados ou são pouco conhecidos, especialmente em relação a grupos específicos. Isso pode propiciar o surgimento de novas abordagens, bem como uma revisão de conceitos e categorias ao longo do processo de pesquisa. (MINAYO, 2010). Considerando o campo empírico e os participantes da pesquisa, ainda não havia pesquisas produzidas que permitissem o conhecimento prévio, assim, esse foi mais um indício considerado na escolha do viés qualitativo.

Dentro do conjunto de opções teórico-metodológicas disponíveis para conduzir uma pesquisa qualitativa, foi escolhida a Teoria das Representações Sociais (TRS). As representações são um constructo desenvolvido pelo psicólogo social Serge Moscovici (1961), durante sua pesquisa de doutoramento. Posteriormente outros pesquisadores partiram desse arcabouço inicial e propuseram abordagens complementares à teoria de Moscovici. Na pesquisa em tela, optou-se pela abordagem proposta por Doise, que adota uma perspectiva mais sociológica, analisando os processos de consenso e dissenso nas decisões e posicionamentos, e enfatizando os processos de ancoragem. (SÁ, 1998).

Considerando a natureza do objeto de estudo e a importância dos processos de socialização em sua formação, a linha de pesquisa liderada por Doise foi selecionada, uma vez que enfatiza os processos de ancoragem. A ancoragem é definida como “[...] a incorporação de novos elementos de conhecimento em uma rede de categorias mais familiares. [...]” (DOISE et al., 1992, p. 14-15) e o seu estudo deve levar em conta as atitudes e as cognições que as fundamentam, se a pretensão é investigar a ancoragem como representações sociais.

O campo empírico escolhido para a realização da pesquisa é uma instituição pública de ensino superior, localizada no nordeste brasileiro, que oferece cursos de licenciatura em Letra/Português e Ciências Biológicas, vinculados ao programa Universidade Aberta do Brasil (UAB), mantido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

A coleta de dados ocorreu por meio a aplicação de um questionário *online*, elaborado na ferramenta Google Formulários, e direcionados aos estudantes dos cursos de licenciatura, por e-mail, por um servidor que atua na Diretoria de Educação a Distância. Foi obtido o retorno de 37 (trinta e sete) questionários de estudantes vinculados a 07 (sete) polos de apoio presencial.

A análise dos dados ocorreu com o apoio do *software* Iramuteq (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*). Trata-se de um *software* livre para análise de dados textuais, desenvolvido por Pierre Ratinaud, em 2009, no âmbito do *Laboratoire d'Études et de Recherches Appliquées en Sciences Sociales* (LERASS) da

Universidade de Toulouse, na França, alinhado com os princípios da Teoria das Representações Sociais.

REFERENCIAL TEÓRICO

Conforme disposto na legislação educacional brasileira, o conceito de EaD descrito no Decreto nº 9.057/2017, que regulamenta o artigo 80 da Lei nº 9.394/1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), significa:

[...] a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos. (BRASIL, 2017)

Partindo dessa concepção, nota-se que a EaD se organiza a partir de princípios diferentes da modalidade presencial, sobretudo pela presença da mediação tecnológica, já que os cursos podem ocorrer *online* – também denominada *e-learning*, sem a presença física nos ambientes institucionais, ou de forma semipresencial, contando com encontros periódicos nos polos de apoio presencial. Nesse segundo formato, parte da carga horária que cumprida pela realização de atividades em tempos e espaços diversos, com apoio de ambientes virtuais de aprendizagem, de forma síncrona e/ou assíncrona, caracterizando o *blended learning*.

***Blended learning* e aprendizagem**

O *blended learning* é uma especificidade do *e-learning*, organizado de modo que a formação dos estudantes ocorra por meio de aulas presenciais e de estudos e atividades desenvolvidos num Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). É um tipo de aprendizagem híbrida, já que reúne características da educação presencial e *online*.

Coll e Monereo (2010) definem o *b-learning* como uma formação mista e destacam que o seu objetivo é:

[...] contribuir para alcançar os objetivos educacionais desejados a partir das vantagens que oferece casa ambiente: a) presencial: interação física, vínculo emocional, atividades de maior complexidade cognitiva; e b) virtual: redução de custos – de deslocamento, alojamento, etc. – eliminação de barreiras espaciais, flexibilidade temporal. (p. 46)

De acordo com Valente (2014), o *blended learning* tem sido largamente utilizado nos Estados Unidos e no Canadá, tanto na educação básica e superior. Com base em Staker e Horn (2012), Valente (2014) apresenta a definição de *blended learning* proposta por aqueles autores

Eles definem *blended learning* como um programa de educação formal que mescla momentos em que o aluno estuda os conteúdos e instruções usando recursos on-line, e outros em que o ensino ocorre em uma sala de aula, podendo interagir com outros alunos e com o professor. Na parte realizada on-line o aluno dispõe de meios para controlar quando, onde, como e com quem vai estudar. (p. 84).

O controle do estudante sobre seu processo de estudo, conforme indicado por Valente (2014), é uma das características mais marcantes da modalidade a distância, porque o aprendiz tem em suas mãos a possibilidade de ser autônomo, assumindo a responsabilidade de decidir onde, como e quando estudar. Entretanto, tal autonomia requer um conjunto de habilidades e saberes de ordem cognitiva, social e comportamental que lhe permitam fazer a autogestão da sua aprendizagem. Talvez, essa seja uma das grandes quebras de paradigmas em relação ao ensino presencial. Os estudantes podem percorrer outras trilhas no seu processo de aprender, para além da forma como as situações de aprendizagem foram planejadas e organizadas pelos professores, orientados, muitas vezes pelos seus estilos de aprendizagem e por suas necessidades formativas.

Além das questões relacionadas à autonomia no processo de aprender na EaD, é preciso considerar que o desenho didático dos cursos precisa levar em consideração os diferentes estilos de aprendizagem, no momento da sua construção, do contrário, será mais difícil ou talvez impossível oferecer percursos de aprendizagem mais flexíveis e personalizados. Pois, a autonomia não quer dizer que não possam existir direcionamentos ou que os estudantes estarão por conta própria. Considerando Paiva (2006), entende-se que a autonomia precisa ser construída, sobretudo no que diz respeito à capacidade de aprender a aprender e a autogestão da aprendizagem. Pode-se pensar esse processo como uma complexa teia de relações, na qual individualidades e coletividade coordenam-se na dinâmica de ensinar-aprender. É a possibilidade da construção de uma comunidade de aprendizagem, na qual a aprendizagem colaborativa se estabelecerá.

A aprendizagem colaborativa, é um dos pilares da aprendizagem no *blended learning*, consistindo numa metodologia utilizada no processo de ensino-aprendizagem, que envolve trabalho em grupos, cujo objetivo é a construção de conhecimentos por meio da interação e da socialização, mediados pelo professor, seja presencialmente ou no AVA.

Dromoaptidão cibercultural e aprendizagem no *blended learning*

Trivinho (2007), considerando as proposições de Paul Virilio acerca da violência da velocidade, a enfatiza como um fenômeno invisível, que se impõe e se enraíza por si mesma, apesar de não se apresentar com tal proporção e intenção. Além disso, ainda relaciona a violência da velocidade com a violência simbólica proposta por Bourdieu, devido à sutileza com que ela se faz presente no cotidiano, legitimando e naturalizando as práticas socioculturais, que se perpetuam sem que os indivíduos percebam a sua existência.

Para Trivinho (2009),

[...] a dromoaptidão [...] concerne às condições materiais e propensões subjetivas que, de acordo com o discurso tecnológico da época, precisam ser doravante totalizadas para se consubstanciar o pleno domínio (a partir do domo, no caso das individualidades) do objeto infotecnológico (completo e atualizado, incluindo o conjunto de *softwares* requeridos), da rede interativa (língua inglesa e acesso *wireless*, via cabo ou mesmo por linha telefônica pressupostos), do estatuto social de ente teleinteragente, do capital cognitivo correspondente e da capacidade de acompanhamento das reciclagens estruturais tanto do objeto infotecnológico, quanto do capital cognitivo. Tais elementos, abrangidos pelo conceito de *sociossemiose plena da interatividade* (cf. Trivinho, 2003), funcionam, de maneira cada vez mais cerrada, como *linguagem tecnológica de acesso (senhas infotécnicas)* ao modelo predominante de existência, seja presencial (em geral, na esfera do trabalho e do tempo livre e de lazer), seja virtual [no *cyberspace*, o mais recente universo tecnossimbólico/imaginário do multicapitalismo tardio, espaço renovado de atuação humana e, portanto, um direito (ainda não devidamente transformado em objeto de Estado e de políticas públicas)]. (TRIVINHO, 2009, p. 163)

Considerando a definição acima, identifica-se a existência de uma articulação que favorece o impulso dromológico, colocando os indivíduos como expectadores desse processo que não compreendem por completo, porém que faz com que sucumbam aos seus imperativos, no sentido de compreender, erroneamente, que ou acatam essas determinações ou estarão de uma vez por todas, fora do sistema.

Segundo Trivinho (2007), a dromoaptidão pode apresentar-se sob os seguintes ângulos: individual, grupal, institucional, empresarial, não governamental, nacional e global, além de assegurar a manutenção das taxas de velocidade conquistadas, assim como, impulsionar a otimização permanente destas. Pode-se acrescentar que a dromoaptidão também escamoteia a liberdade da escolha, de ir contra a velocidade – definida também como “o suave estupro do ser pela técnica alçada a fator apolítico aparentemente inofensivo” (TRIVINHO, 2007, p.98) – levando os indivíduos ao devir dromoapto.

No âmbito da cibercultura, o conceito de dromoaptidão, ganha o seu viés cibercultura. Trivinho define a dromocracia cibercultural como um “regime transpolítico [...] erigido no contexto de um regime político, tradicional e visível, a democracia [...]” (2007, p. 101). Tal regime é tido como tão invisível quanto a violência da velocidade, mantendo os indivíduos alienados frente à realidade.

Como “senhas infotécnicas de acesso” à cibercultura, Trivinho (2007) cita: o objeto infotecnológico (*hardware*); produtos ciberculturais (*softwares*); status irrestrito de usuário da rede; capital cognitivo necessário para operar os 3 fatores; capacidade geral de acompanhamento regular das reciclagens estruturais dos objetos, produtos e conhecimentos. A dromoaptidão requer um equilíbrio entre condição financeira e capacidade cognitiva, ambas no mais alto padrão de qualidade; de outro modo, não há como sê-lo.

Em contraposição ao constructo da dromoaptidão surge o dromoinapto, isto é, aquele que não se adapta ao ritmo imposto pela violência da velocidade, seja por dificuldade em desenvolver as habilidades inerentes à dromoaptidão, seja por se negar à adaptação (seria por terem consciência da violência simbólica instaurada?). Essa situação conduz a uma polarização, pondo de um lado os “normais” e, do outro, os “anormais” - acirrando o preconceito e a discriminação em relação aos inaptos - nas palavras de Trivinho (2007), é “simbolicamente morto”.

Problematizando o conceito de dromoaptidão cibercultural e seu oposto, a dromoinaptação, Trivinho (2007), coloca em xeque a noção de inclusão digital, a qual não sendo plenamente alcançada por todos de forma global e democrática, leva a um *Apartheid* cibertecnológico - enquanto, simultaneamente, demonstra que a dromocracia cibercultural é igualmente utópica.

Considerando esses aspectos no contexto da educação a distância, modalidade de ensino no qual, necessariamente os estudantes dependerão do uso das TDIC para completar seus estudos, é relevante pensar no binômio dromoaptidão-dromoinaptação. Assim, vislumbra-se, sob o prisma pedagógico, a possibilidade de relativização do conceito de dromoaptidão em termos de graus.

Ressalta-se a importância e a singularidade do constructo elaborado por Trivinho, no entanto, julga-se imperativo contextualizar e problematizar sua aplicabilidade no contexto educacional – com ênfase especial – às experiências que integram o uso das TDIC. Desse modo, propôs-se um modelo analítico para o processo de desenvolvimento da dromoaptidão.

O referido modelo apoia-se no conceito de equilibração majorante (PIAGET, 1972). Seguindo os pressupostos do que se defende como desenvolvimento da dromoaptidão, através do processo de equilibração majorante, seu nível pleno não dependeria tão somente da aquisição de todas as senhas infotecnológicas, especialmente aquelas, mas de outros processos inerentes. À medida em que o indivíduo vai avançando no domínio das senhas, os desafios passam a ser menos complexos, pois ele já ultrapassou as barreiras iniciais do uso das TDIC e incorporou experiências que vêm a descomplexificar o caminho rumo à dromoaptidão.

Levando em conta essas situações, pode-se pensar em termos de níveis intermediários nos quais o indivíduo já domine parte das senhas, a exemplo do capital cognitivo conforme e disponha de *hardware* e *software* que lhe permitam estar conectado à rede, mesmo esses não sejam os de última geração. Para denominar e caracterizar os níveis de dromoaptidão, foi considerando o modelo de cinco estágios das atividades mentais envolvidas na aquisição direcionada de habilidades, proposto por Dreyfus e Dreyfus (1980). Os 5 (cinco) estágios são identificados como: novato, competência, proficiência, especialista e mestre.

Acatando o entendimento dos níveis de dromoaptidão, seria possível visualizar na EaD o cenário descrito anteriormente, no qual há estudantes com dificuldades no uso e no domínio das tecnologias digitais (nitidamente a falta de algumas das senhas infotecnológicas) e, em função disso, teriam mais dificuldade para aprenderem de forma autônoma utilizando o AVA. Desse modo, supõe-se que estes estudantes venham a carecer de um acompanhamento mais específico para consolidar a sua aprendizagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A fim de caracterizar os participantes da pesquisa e obter dados que pudessem favorecer a construção do perfil cibercultural dos discentes, foram propostas questões relativas às informações a seguir: local de residência, renda, uso e consumo de tecnologia (tipos de aparelhos, substituição de aparelhos), acesso à internet, tipo de conexão, usos da internet; além dessas, foram levantadas informações sobre aspectos da aprendizagem na cibercultura, considerando, especialmente, as experiências na EaD, mantendo a vinculação com o contexto de pesquisa.

As definições dessas características levaram e basearam-se nas proposições de Trivinho (2005, 2006, 2007) acerca do conceito de dromocracia cibercultural e as consequentes definições de dromoaptidão e dromoinaptidão.

Considerando a análise das respostas ao questionário e o estabelecimento relações com a teorização sobre a dromocracia cibercultural, a dromoaptidão e a dromoaptidão, os indícios levam a identificar que o grupo dos estudantes, pelas exigências específicas de um curso a distância, já possui alguns tipos de TDIC, possuem conexão e internet em suas residências – muito embora nem sempre sejam conexões com tanta qualidade – e fazem usos um pouco mais elaborados das tecnologias disponíveis – além de comunicação e entretenimento, estudam, trabalham, realizam pesquisas – e possuem habilidades ciberculturais.

Tais habilidades não são percebidas de forma consolidada; elas estão em desenvolvimento, inclusive impulsionadas pelo próprio curso de graduação. Assim, considerando os níveis de dromoaptidão propostos a partir do modelo de Dreyfus e Dreyfus (1980), supõe-se que o grupo encontra-se no nível competência, contando com um acúmulo de capital cognitivo conforme, de forma incipiente até o momento, para acompanhar as reciclagens estruturais, inclusive pelas dificuldade básicas que admitem possuir, em relação à: leitura e compreensão de textos; compreensão de conceitos; operação com várias fontes de informação ao mesmo tempo; sendo esses, requisitos essenciais para o processo de aprendizagem.

É notável reconhecer que, mesmo sinalizando que as experiências formativas contemplaram as habilidades ciberculturais, no que tange ao desenvolvimento do pensamento autônomo, reticular e crítico e do domínio das tecnologias, os estudantes sinalizam pouca concordância com o desenvolvimento das habilidades ligadas à autoria e à colaboração. Apesar disso, muitos sinalizam as dificuldades com desenvolvimento de estudos de forma autônoma e colaborativa, usabilidade das interfaces, pouco domínio das tecnologias, mesmo que as representações identificadas mantenham uma convergência para a compreensão de que as experiências formativas ajudam nesse processo.

Partindo do pressuposto que as habilidades ciberculturais são também senhas para estar no mundo, tal qual as requeridas para a dromoaptidão, poderíamos estender àquelas, o que Trivinho afirma sobre esta. A “[...] *dromoaptidão cibercultural* é, portanto, capital *sine qua non*, em sua configuração mais recente como capital propriamente simbólico² exigido para *se ser* – e, por aí, alcançar-se cidadania (teleinteragente) no mundo. (TRIVINHO, 2009, p. 163).

Um desafio aos que trabalham na EaD, seja como professor ou tutor, é como mediar as aprendizagens dos estudantes, considerando os perfis de dromoaptidão, uma vez que eles impactam nas formas como os indivíduos interagirão com as tecnologias e com os processos de aprendizagem no contexto das demandas ciberculturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A complexidade do conceito de dromocracia cibercultural e seus desdobramentos, especialmente quando contextualizadas no contexto educacional, no âmbito da aprendizagem

² Trivinho embasa-se em Bourdieu (1982, 1983, 2002) para tratar do capital simbólico. O capital simbólico, segundo Bourdieu, “é um capital com base cognitiva que se apoia no conhecimento (não intelectual, mas um domínio prático, um senso prático).” (BOURDIEU, 2007, p. 388 apud SAINT MANTIN, 2017, p. 110). Trata-se de um conceito frágil, vulnerável e distribuído de forma desigual, pois depende dos elementos que marcam as distinções entre classes e indivíduos, a exemplo do capital econômico, cultural, escolar, social, por outro lado, faz-se presente nas práticas cotidianas, nos diversos campos em que nos inserimos. (SAINT MARTIN, 2017)

mediada pelas TDIC, na modalidade EaD, faz com que não seja possível esgotar as possibilidades de investigação ou mesmo colocar os resultados apresentados como uma visão determinista. A dromoaptidão, especialmente entendida a partir dos níveis propostos nesse trabalho, fazem com que ela seja entendida de forma dinâmica. Isto é, pelas experiências vivenciadas pelos indivíduos e pelo capital cognitivo conforme conquistado por ele, será inevitável não avançar para níveis mais elevados de experiência. Não se sabe se haverá o tempo de ser possível alcançar o nível mestre de forma abrangente por todos os indivíduos, o que está no topo, mas, certamente, teremos possibilidade de avanços que nos distanciem do um *Apartheid* cibertecnológico.

Ficam inspirações e lacunas para pesquisas futuras, no sentido de verificar em outros níveis de ensino, em outros contextos, em outras modalidades, em outros espaços institucionais, de que forma a dromoaptidão ou a ausência dela, se faz presente e em que níveis os indivíduos se encontram e como podemos contribuir para que avancem nos níveis propostos, se também assim, for do interesse de cada um e de cada uma.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017. **Diário Oficial [da] União**, Poder Executivo, Brasília-DF, 25 mai. 2017. Seção 1, p. 3.

COLL C.; MONEREO, C. Educação e aprendizagem no século XXI: novas ferramentas, novos cenários, novas finalidades. In: COLL, C.; MONEREO, C. **Psicologia da Educação Virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação**. Tradução Naila Freitas. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 15-46.

DILLENBOURG, P. What do you mean by collaborative learning? In: DILLENBOURG, P. (org.) **Collaborative-learning: Cognitive and Computational Approaches**. Oxford: Elsevier, 1999, p. 1-19. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/562007122423am.pdf>>. Acesso em 18 set. 2023.

DOISE, W. Atitudes e representações sociais. In: JODELET, D. (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001, p. 187-203.

DOISE, W. Da psicologia social à psicologia societal. In: **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol.18, nº. 1. Brasília Jan./Abr. 2002 p. 27-35. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722002000100004>>. Acesso em: 18 set. 2023.

DOISE, W.; et al. **Représentations sociales et analyses de données**. Grenoble: Presses universitaires de Grenoble, 1992.

DREYFUS, S. E.; DREYFUS, H. L. **A five-stage model of the mental activities involved in directed skill acquisition**. California Univ Berkeley Operations Research Center, 1980. Disponível em: <<https://apps.dtic.mil/docs/citations/ADA084551>>. Acesso em 17 set. 2023.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

PAIVA, V. L. M. O. Autonomia e Complexidade. **Linguagem & Ensino**, v. 9, n. 1, 2006, p. 77-127. Disponível em: <<http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/view/176>> Acesso em: 20 jun. 2023.

PIAGET, J. Desenvolvimento e aprendizagem. In: LAVATELLY, C. S.; STENDLER, F. **Reading in child behavior and development**. New York: Hartcourt Brace Janovich, 1972.

SÁ, C. P. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SAINT MARTIN, M. de. Capital simbólico. In: CATANI, A. M.; NOGUEIRA, M. A.; HEY, A. P.; MEDEIROS, C. de. (Orgs.) **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 109-112.

TRIVINHO, E. Introdução à dromocracia cibercultural: contextualização sociodromológica da violência invisível da técnica e da civilização mediática avançada. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, v. 12, n. 28, dez/2005, p. 63-78. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3338/2595>>. Acesso em: 17 set. 2023.

TRIVINHO, E. A condição transpolítica da cibercultura. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, v. 13, n.º, set/dez, 2006, p. 91-101. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3399>>. Acesso em: 17 set. 2023.

TRIVINHO, E. **A dromocracia cibercultural: lógica da vida humana na civilização mediática avançada**. São Paulo: Vozes, 2007.

TRIVINHO, E. Estética e cibercultura: arte no contexto da segregação dromocrática avançada. In: TRIVINHO, E. (org.) **Flagelos e horizontes do mundo em rede: política, estética e pensamento à sombra do pós-humano**. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 157-177.

VALENTE, J. A. *Blended learning* e as mudanças no ensino superior: a proposta da sala de aula invertida. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 4, 2014, p. 79-97. Editora UFPR. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602014000800079>. Acesso em: 20 set. 2023.

VIRILIO, P. **Velocidade e política**. Tradução: Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Tradução Daniel Grassi. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.